

FORMAS DE OLHAR: A ATENÇÃO E DISPERSÃO NA RELAÇÃO ENTRE CRIANÇA E TELEVISÃO

ANDRADE, Claudia Cristina dos Santos* – UERJ

GT-16: Educação e Comunicação

Rubem Alves(2004) discute a possibilidade de se pesquisar o olhar, observando que “os olhos, eles mesmos, são estúpidos(...)Para eles tanto faz ver um programa idiota de televisão quando uma tela de Vermeer. A capacidade de discriminar não pertence aos olhos. Pertence ao olhar.” Assim, como pesquisar “a luz interior” que discrimina e significa o que “os estúpidos olhos” vêem? Aceitando o desafio, o presente estudo busca captar as formas de olhar para a televisão, tendo como base teórica a idéia de mediação, em que se leva em conta o potencial significativo e as condições de produção, tanto dos programas televisivos quanto do sujeito-telespectador.

A televisão é um instrumento de entretenimento, como nos alerta Fischer (2003), para isso foi criada e para isso se destina até hoje. Mas sabemos que ela também educa, participa da constituição de subjetividades dentro de um cenário fundamentalmente doméstico, que, por sua vez, é extrapolado em direção aos demais meios, como o escolar. O meio técnico, que designamos comumente como televisão, serve para transmissão de inúmeros gêneros, abriga a multiplicidade e o hibridismo, como sinaliza Canclini(1997). Por sua vez, a criança carrega modelos interpretativos construídos nas relações sociais.

Barbero (2003, 2004) e Canclini (2005), mostram que há mediações entre os sujeitos e a programação, e que, portanto, é preciso compreender o olhar de quem a assiste. Barbero (2004) narra o episódio que fez com que ele mudasse o lugar de onde partiam as suas perguntas, que passou a ser “dos meios às mediações”. Isso porque ele quis entender porque um filme de baixa qualidade, segundo a sua ótica, melodramático e sem conteúdo, deixava embevecida uma platéia inteira. Percebeu que o que ele via não era a mesma coisa que aquelas pessoas viam. Como os de Barbero, diferentes estudos apontam formas de recepção dos meios que não reproduzem a mesma mensagem e nem dela simplesmente se apropriam, mas a reinventam.

A mediação aqui também é compreendida através dos processos de construção de sentidos, apoiando-se nos construtos bakhtinianos. Bakhtin(1997) ressalta a relação

* Trabalho orientado pela profa. dra. Alice Vieira.

dos enunciados com a circulação das idéias na sociedade, constituidoras de uma ideologia do cotidiano, e o papel da linguagem para explicitar as relações entre a subjetividade humana e os produtos culturais. A expressão do sujeito nasce de um território social, como um produto dessa inter-relação, e dialeticamente, a atividade mental é parte constituinte deste território, transformando-o..

Embora relativamente pacífica a idéia de que não somos seres manipuláveis, encontro, não só abrigada no senso comum, mas também em parte da pesquisa científica, a idéia de que há manipulação. Neste texto trago a proposta de se pensar que é possível haver tanto a manipulação como a crítica, o reflexo e a reflexão (SODRÉ, 2006) dependendo da forma como olhamos a televisão, partindo do princípio de que o olhar é construído e que existe, em cada sujeito, de formas diferentes.

1. A ABORDAGEM CONCEITUAL: A ATIVIDADE INFANTIL EM FACE DOS TEXTOS TELEVISIVOS

1.1. A ATIVIDADE INFANTIL

O conceito de atividade aparece como ponto de convergência em estudos que se afastam da idéia de manipulação absoluta e investigam formas de intervenção educativa a partir do olhar do sujeito. Neste sentido, Pereira, Souza e Salgado (2002, p.6) propõem “introduzir o estranhamento no olhar e desconstruir o hábito de ver imagens que se sucedem sem interrupção (...) recuperar a atenção e a reflexão no que é apenas dispersão e, deste modo, reinventar possibilidades de contar histórias hoje”.

A idéia de introduzir o “estranhamento no olhar” também aparece na pesquisa coordenada por Pereira em que se indaga “o que a publicidade diz a respeito da infância, quando usa a imagem de crianças ou se dirige a ela? O que as crianças dizem sobre a publicidade televisiva? Como construiriam um anúncio publicitário, se convidados a fazê-lo?” (PEREIRA, 2004, p. 23). Assim, a autora analisa as estratégias infantis e os conceitos desenvolvidos quando as crianças produzem algo para a televisão.

Neste sentido, o estudo apresentado por Duarte(2006) mostra que as crianças possuem conhecimento significativo sobre a produção televisiva. Os depoimentos analisados na pesquisa foram coletados a partir de uma chamada veiculada pela TVE e pela TV Cultura, convidando as crianças a dizerem o que pensam sobre a TV. A análise dos textos e desenhos recebidos revelou que as crianças querem ser ouvidas sobre o que

pensam sobre a tevê, queixam-se do excesso de violência real apresentado na programação, desejando ver um cotidiano mais tranquilo, gostam de ver tevê e apreciam diferentes programas, reconhecendo a quem são endereçados e vêem tevê para passar o tempo, por falta de opção. Possuem uma *expertise*: conhecem mecanismos de produção televisiva e são capazes de tecer críticas pertinentes sobre a qualidade dos programas. Este dado ratifica o conceito de atividade infantil e acrescenta a idéia de que existe um caminho de desconstrução das mensagens que já está sendo trilhado, pela compreensão dos processos de construção.

Analisando estudos sobre mídia, Manuel Pinto (2000) chama a atenção para o fato de que, a partir da influência de diferentes paradigmas teóricos, verifica-se como ponto unificador dos estudos sobre a audiência a “assunção da dimensão activa das audiências televisivas e a valorização dos contextos do consumo”.(PINTO, 2000, p.110). O autor, a partir do campo da recepção e dos estudos culturais, propõe uma sociologia da infância, que possa compreender o fazer infantil levando-se em conta o seu próprio olhar, este, por sua vez, mediado pelas construções sociais.

A idéia de atividade mediada percorre o processo conhecimento das percepções das crianças sobre os programas televisivos, e, em decorrência, busca contribuir com novas perspectivas de trabalho na escola.

1.2. ENTRE IMAGENS E PALAVRAS: ESTRATÉGIAS DE SEDUÇÃO

Composta de textos orais e escritos, imagens e símbolos diversos, a produção televisiva atrai o olhar, que não é único e sim múltiplo, diferenciado: absorto, atento, inquiridor, contemplativo... Tantas dimensões do olhar que se encontram com a gama de conhecimentos acumulados e que atribuem sentidos aos textos. Não se pode negar que há um componente sedutor na imagem, que aprisiona o olhar, e ao analisar a percepção que têm as crianças de cenas produzidas com imagens, sons e textos escritos, é preciso refletir sobre a relação do olhar com estes textos, como ele se coloca entre a sedução e a reflexão.

Para Orlandi (1995) os textos verbais carregam mitos socialmente construídos, como o mito da cientificidade e o da informatividade do verbal, que operariam efeitos de verdade ao que é dito sobre a imagem. Já Barthes (1990) acredita no jogo de naturalização de sentidos na medida em que a imagem carrega a idéia de neutralidade, dada a analogia com o real. Assim, ambos contribuem para que possamos pensar que o

que é dito sobre o visto ganha status de verdade, já que o verbal faz “recortes de significação” na imagem, enquanto esta naturaliza os sentidos selecionados.

Desta forma, há um poder nas imagens, captado pelo olhar de um sujeito socialmente constituído. Para Sodré (2006), há uma mediação no olhar, compreendendo que o ver provoca construção de imagens mentais, representações. Conhecer algo é deslocá-lo “de sua realidade imediata, ‘natural’, para uma outra, um modelo que dá partida à ordem do espelhamento, do reflexo, ou ainda da imagem – ou seja, um jogo de aparências, uma “ilusão” que mimetiza de algum modo a coisa primeira.” (SODRÉ, 2006, p.111)

Os mitos e a *epistême* traduzem concepções de olhar que perpassam o conhecimento de si e do outro, advertindo para o excesso que pode levar à morte, como no mito de Narciso lembrado por Sodré. A morte e a cegueira pelo excesso de imagens são elementos encontrados na literatura, como na metáfora utilizada por Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira*, em que as personagens são acometidas por uma cegueira branca. É possível, assim, com base nesta metáfora, pensar na sujeição temida quando se analisa o poder exercido pela mídia: o assujeitamento às determinações se faz mais fácil quando o excesso impede de conhecer e, portanto, de nos re-conhecermos.

A idéia de olhar como conhecer, apresentada por Sodré, permite abrir o leque de possibilidades da ação de ver, pois se há formas distintas de se processar a aprendizagem, também há diferentes formas de atuação do olhar, pensadas aqui em duas categorias, atenção e dispersão, que podem ser, inicialmente, responsáveis por configurar, de maneira oposta, as lembranças arquivadas. Enquanto a primeira garante a configuração do visto em imagens tendentes à unicidade, a outra guarda pedaços do real, esparsos, em nível do sensível. Porém, a divisão se dá para o efeito de análise, pois, existem relações dialéticas e dialógicas no processo de construção dessas imagens. Benjamin(1980) sinaliza o caráter voluntário(consciente) e o involuntário da memória, como elementos que não guardam exclusividade, estabelecendo a fusão entre o individual e o coletivo.

Estar atento é captar, compreender o vivido. A atenção pode ser concebida como lucidez no sentido que Sodré dá à expressão: “um potencial de comunhão com a diversidade de elementos de uma situação, no horizonte de uma ação integradora” (SODRÉ, 2006, p.209).

A dispersão espalha o visto, percebe trechos, pedaços pequenos que são costurados para a construção de sentidos, produzindo uma sensação de natureza estética.

A costura daquilo que é percebido na dispersão se faz prioritariamente pelos conhecimentos prévios, que se colocam de forma ativa e preponderante. A percepção se modifica, mas pouco se acrescenta ao que já se sabia. Passamos a nos repetir, embotando, parcialmente, a capacidade criadora.

Sodré (2006, p. 123,124) diferencia comportamento reflexo e reflexão. Enquanto o primeiro tende a se basear “na mera racionalidade funcional ou no cálculo utilitário dos efeitos, afins à conveniência dos sistemas técnicos e do mercado” o segundo se propõe às ações de “perceber, sentir, pensar, conhecer, empenhar-se e fazer [que] implicam o levar-se a si mesmo (“portar-se”) ao encontro (“com”) de um comum”. Assim, o exercício consciente, no sentido de agir a partir de apreensões próprias da realidade na direção de enunciados comuns, aconteceria no movimento de atenção. Já Fischer (2003), ao propor um trabalho pedagógico desvelador das mensagens televisivas, percebe no olhar atento a presença de propósito e desígnio.

O olhar atento transforma-se em ato também cidadão, conjugando formas de estar no mundo menos submissas aos discursos pré-formulados e ideologicamente dirigidos. Vasculhar esse olhar, compreender sua constituição contribui com o trabalho pedagógico que se quer transformador.

Nas formas de olhar para a televisão, a mudança de uma ação atenta a uma dispersa (ou vice-versa) acontece a partir de nossos movimentos de aproximação que seriam, *a priori*, notadamente estéticos, pautando-se na experiência afetiva. Ficamos atentos ao que nos seduz, o que valoriza os procedimentos técnicos de qualidade. Porém, a rapidez dos processos comunicativos parece impulsionar o sujeito moderno a atender às pulsões do mercado, à multiplicidade, à quantidade, pressionando o comportamento disperso.

2. METODOLOGIA

A análise dos dados sustenta-se na matriz microgenética desenhada por Góes (2000, p. 22). A autora ressalta a produtividade da proposta discursiva-indiciária para as pesquisas que buscam "construir uma micro-história de processos, interpretável somente numa perspectiva semiótica e numa remissão a condições mais amplas da cultura e da história." Analisa a contribuição do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989, 1991) para o fazer metodológico que utiliza a perspectiva histórico-cultural como fonte, compondo-a, principalmente, com os estudos advindos de Bakhtin e da análise do

discurso (ORLANDI, 1996, 1998). Constituem-se, nessa perspectiva metodológica, formas de compreender como os processos intrasubjetivos se conjugam com os intersubjetivos relacionados a condições macrossociais.

Os indícios foram perseguidos nas narrativas infantis que resultaram de sessões coletivas e individuais de entrevistas com nove crianças, entre 9 e 12 anos, estudantes do quinto ano de escolaridade de uma instituição pública. Durante as sessões foram vistos episódios de diferentes programas televisivos, com cerca de dois minutos de duração cada um. A seleção dos sujeitos e dos episódios foi feita com base na análise de questionários preenchidos por estudantes da instituição, em uma primeira fase da pesquisa, que mapeou a presença da televisão no cotidiano infantil.

As sessões de entrevista foram filmadas para que se pudesse analisar os gestos - fixação e desvio dos olhos, risos, espantos, entre outros – garimpando percepções subjetivas.

As falas das crianças foram analisadas tendo como eixo as idéias de atenção e dispersão, a partir das ações de estranhamento, aceitação ou rejeição dos programas, pois os sujeitos puderam optar por não ver os episódios, solicitando a aceleração da exibição.

3. O QUE SE VIU: A SELEÇÃO

Foram selecionados pequenos trechos, de cerca de dois minutos cada, de programas exibidos na segunda semana de outubro de 2005.

Os programas *As Aventuras de Jimmy Neutron*, *América* e o *clip* da MTV foram selecionados a partir da grade sugerida nos questionários, havendo uma atualização em relação à novela, porque na época da primeira fase da pesquisa, era citada a trama *Senhora do Destino*. Os demais fizeram parte do corpo da pesquisa para que se tivesse um contraponto em relação aos gostos infantis, de forma que fosse possível saber o porquê das escolhas.

O desenho animado da *Nickelodean* (chamada de Nick pelas crianças) conta as histórias de um menino que tem um alto QI e tenta resolver seus problemas cotidianos com a ajuda de sua inteligência, usando tecnologia avançada. No episódio escolhido, ele trava uma luta com os *Yonkians*, alienígenas que querem derrotá-lo. A tecnologia utilizada, animação computadorizada, confere gestos e paisagens dinâmicos à produção.

No trecho da novela *América*, veiculada durante o ano de 2005 pela Rede Globo de Televisão, a personagem Lurdinha visita sua amiga Raíssa, com quem havia brigado

e que estava passando por um momento triste. As personagens representam jovens modernas e impulsivas: a primeira casa-se com o pai de Raíssa e a segunda modifica seu modo de ser, de adolescente comportada para jovem rebelde. A trilha sonora tem um crescente quando as duas amigas fazem as pazes e rolam no chão, abraçadas.

Já o trecho de *Malhação*, novela juvenil também produzida pela Rede Globo, traz a abertura da novela, com os *takes* do que será exibido, e uma cena em que a turma dos rapazes flagra um mendigo de meia idade roubando comida na cantina. Na cena, o personagem Bernardo protege o senhor, enquanto Urubu (como antagonista) quer agredi-lo.

Foram selecionados três tipos de comerciais da Rede Globo de Televisão: uma coletânea de patrocinadores das transmissões dos jogos do Brasil nas eliminatórias para a Copa de 2006, um comercial da empresa de cosméticos Avon, estrelado pela cantora Ivete Sangalo e uma propaganda política, do governo do Estado do Rio de Janeiro.

O quarto anúncio foi veiculado pela emissora MTV Brasil e traz um outro formato, menos linear, com imagens de recortes de jornal que aparecem de diferentes formas, como colagens. A emissora se caracteriza por apresentar produções com formato dinâmico e sua fama entre as crianças se faz especialmente pelos *clips* musicais. Sua grade contempla programas de entrevistas, desenhos de animação, especiais, entretenimento de forma geral, voltado para o público adolescente/jovem. O *clip* escolhido é o da jovem cantora Wanessa Camargo, que apresenta uma dança sensual em um teatro vazio enquanto a música *Amor, Amor* é executada.

Os dois trechos veiculados pela TVE são: uma produção para o público infantil da grade especial que apresenta curtas premiados, *Curta Criança*, e um programa de variedades sobre música, *Atitude no telhado*, que faz entrevistas e apresenta cantores e grupos brasileiros em um telhado na Lapa. A TVE é uma das emissoras da rede pública de televisão do Brasil e tem gerência do grupo ACERP, que busca apresentar projetos alternativos, de caráter educativo/informativo.

4. QUEM VIU: SUJEITOS

As crianças entrevistadas foram, para efeito de análise, distribuídas em três grupos de acordo com o acesso aos bens culturais¹ e sua representação, ou seja,

¹ Foram considerados bens culturais aqueles valorizados pela sociedade de consumo e que supõem despesas, tais como exposição, teatro, cinema.

levando-se em conta o menor ou maior valor atribuído a esses bens pelas crianças. A escolha se deu por sorteio, a partir das listas produzidas pelas docentes das três turmas do quinto ano de escolaridade em 2005. Assim, Cora (11 anos), Daniel (11anos) e Joana (10 anos) fizeram parte do grupo 1; Agnes (10 anos), Leonardo (11 anos), Gabriel (11 anos), do grupo 2; e Caio (11 anos), Lohana (11anos), Luiz (13 anos), do grupo 3. A apresentação dos alunos seguirá a ordem dos grupos e não a ordem das entrevistas e terá como fontes o questionário e a entrevista.

Os três alunos do grupo 1 têm bom desempenho na escola e são reconhecidos por seu potencial cognitivo pelas professoras. Cada um deles freqüentava uma turma diferente.

O questionário de Cora não apresenta resposta sobre o que faz em seu tempo livre, porém, ao responder à segunda questão, apresenta suas preferências. Em primeiro lugar, gosta de cinema, seguido de brincar (skate, xadrez e *Imagem e Ação*) com os amigos, ler, ir à praia e ter aula de violão com a irmã. No questionário afirma só ver *Cavaleiros do Zodíaco*, mas na entrevista revela ver televisão na casa da avó materna, pois seu pai a proíbe de assistir TV, dizendo que “*deixa as pessoas burras*”. Porém, só desconhece os programas da TVE. Alguns vê, outros acompanha por revistas especializadas (como *Malhação*). Vê quase tudo com atenção e não reconhece as cantoras Wanessa Camargo e Ivete Sangalo, pois gosta de “*rock velho*” e de MPB (música popular brasileira). Acha novela “*fútil*” e disse ter visto apenas uma vez *América*, mas reconta com detalhes a trama que envolve a cena vista. Considera melhor a produção da novela *Belíssima* (em cartaz na época da entrevista), “*eu acho mais legal, entendeu? Por causa dos atores, a história é melhor*”, demonstrando conhecimento da técnica.

Daniel enumera muitas atividades realizadas em seu tempo livre. Em primeiro lugar estão a televisão e brincar com os amigos, em segundo, leitura e jogos em computador. Jogo em vídeo game divide a ordem de preferência com teatro. Em seguida, praia, cinema, parques, jogos com bola e tabuleiro. Suas opções mostram que ele gosta de ter muitas atividades. Prefere os desenhos japoneses e em relação à música, *Link Park*, *Capital Inicial* e a dupla *Claudinho e Buchecha*. Durante a entrevista, reconheceu quase todos os programas, mas não identificou as cantoras. Gosta de *zapear* pela programação e nunca vê os comerciais. Prefere filmes e desenhos e quase não vê novelas. Não quis ver *Malhação*. Ao ver o símbolo da TVE pergunta: “*É cultura? Nunca vejo TVE.*”

Joana parece ter hábitos solitários em casa: vê televisão, brinca de bola com sua mãe. Suas preferências de lazer são, por ordem: cinema, praia, teatro/leitura/parques, televisão/computador e por último, vídeo game. Foi sintética no questionário, não explicou suas escolhas. Tem acesso a canal por assinatura na casa do pai e adora os desenhos antigos, como *Tom e Jerry*, atrações que a faziam ligar a televisão assim que chegava em casa (ela mora com a mãe) quando passavam no SBT. Hoje, como não tem essa atração, gosta de fazer “*coisas criativas*”. Quando está na casa do pai vê “*rock antigo*” no canal *Multishow*. Dos episódios vistos, não reconheceu o *Curta Criança*, mas assistiu a quase toda a programação, rejeitando o comercial oficial. Não gosta muito de novelas, acha as cenas “*dramáticas*” e vira o rosto quando vê uma cena de beijo: “*acho nojento*”.

Do segundo grupo, Agnes tem bom desempenho, enquanto Leonardo e Daniel enfrentam algumas dificuldades. Os dois primeiros eram da mesma turma.

Agnes descreve linearmente suas atividades fora da escola: “*vou almoçar, faço o dever, vou para a piscina, volto, tomo banho, vou ler, depois lanchinho, brinco e durmo.*” (fonte: questionário). Quatro atividades dividem o primeiro lugar: cinema, praia, leitura, brincar com os amigos, enquanto televisão, parques e jogo em computador vêm em segundo lugar. Como o Daniel, procura ter muitas atividades. Ficou atenta em sua entrevista, fazendo alguns comentários como: “*É muita autoridade para uma empregada*” (quando, na cena da novela *América*, a empregada da casa de Raíssa avisa à patroa que Lurdinha subiu e, com tom autoritário, pede que ela a expulse). Vê novela às vezes, não gosta das discussões e já tinha assistido ao *Curta da TVE*, porque viu o começo e gostou. Disse que nunca parou para pensar no que gosta de ver: “*Eu sou que nem meu pai, primeiro, boto lá na Globo, SBT. Mas lá é SKY né. Ai tem Shoptime... Vou passando até achar uma coisa que interessa*”

Apenas uma atividade elencada por Leonardo no que ele considera tempo livre é, de fato, de livre escolha: ficar no computador. As demais são formais: inglês, Kumon, catequese. Os jogos eletrônicos (computador e vídeo game) e brincar com os amigos são as atividades de lazer prediletas, seguidas de televisão/cinema e teatro. Havia marcado leitura em terceiro lugar, mas apagou e a colocou em primeiro. Parece brincar muito com os amigos e gosta de ver desenhos: *Jonny Bravo*, *Cavaleiros do Zodíaco*. Disse que prefere o canal *Sportv*. Também só não conhece os programas da TVE. Reconheceu as cantoras, mas não quis ver o *clip*, pedindo para passar para o próximo, brincando ao fazer expressão de sofrimento, pois sabia quem era e detestava. Gosta

muito de novelas, ficou feliz ao ver *Malhação* e sugeriu outro final para *América*: “queria que o Tião ficasse com a Sol”.

Gabriel coloca em primeiro lugar quase todas as atividades elencadas no questionário: teatro, cinema, jogos, praia, televisão, leitura e brincar com os amigos (joga futebol). Só fica em segundo lugar ir a parques. Demonstra ser, realmente, muito eclético. Em sua entrevista afirma: “*eu vejo muita TV. Quando eu chego da escola, tiro a roupa, tomo banho, boto uma roupa, almoço e vejo televisão. Fico até de noite*”. Gosta de *Chaves*, novelas e a programação das emissoras *MTV*, *People and art*, entre outras. Acha o desenho animado Jimmy Nêutron “bobinho”: “*o desenho é muito bom. Os bonecos são bem feitos, essas coisas assim. Mas são bens legais [...] Eles são muitos bobos esses desenhos assim é mais pra criança assim de quatro (4) anos este tipo de desenho. Por isso eu não gosto*”. Já tinha visto o curta. Como a Agnes, estava passando e ficou vendo. Não conhecia o outro programa da emissora. Seus comentários referem-se basicamente à qualidade técnica: “*bem feita*” (em relação à novela), “*bem pensados, muito bem pensados, engraçados*” (em relação aos comerciais).

As crianças do grupo 3 - Lohana, Caio e Luiz – exigem atenção por parte das professoras. Luiz, que era da mesma turma que Caio, estava fazendo a quarta série pela segunda vez e tinha uma história de atendimento pedagógico específico na instituição.

Caio define como atividades de seu tempo livre desenhar e ler, e no lugar de numerar as que estão disponíveis no formulário, marca todas com um x. Gosta de brincar de “boneco” e de ver *Cavaleiros do Zodíaco*. Em sua entrevista quase não teceu comentários, rindo muitas vezes para os amigos que assistiam. Dos que fizeram a entrevista naquele dia foi o único que não quis ver *Malhação*, mas disse gostar de assistir a novelas e às “versões” dessas produzidas pelo programa *Casseta e Planeta*. Suas respostas são cambiantes. Diz que tenta ver os curtas da TVE, mas não consegue acertar o horário: “*É que sempre eu nunca consegui ver isso. Não entendo. (Inaudível) Só que eu não consigo ver. Quando eu boto no dois, no canal dois pra ver se tá dando ou já tinha acabado ou ainda vai dar aí eu troco e volto e não tá dando*”.

Lohana ajuda “o irmão nos deveres”, brinca e vê televisão em seu tempo livre. Elege jogos no computador e brincar com os amigos como primeiras opções de lazer, seguidas de televisão e vídeo game, praia e leitura, cinema, parques e teatro. Gosta de assistir a novelas e desenhos, brincar de *Barbie* e pique corda. Em relação à música, prefere funk e pagode. Como quase todos os entrevistados, ela conhecia os programas selecionados, à exceção dos transmitidos pela TVE. Afirmou que não perdia um só

capítulo da novela *América* e revela conhecimento da produção. Após algum tempo reconhece a música do clip e identifica a cantora Wanessa Camargo: “*não está aparecendo muito o rosto dela. Só a voz, o rosto mesmo não dá para ver*”. Sobre o episódio de *Malhação* acredita que ele ensina que devemos ser igual com todos, sem discriminação.

Luiz, em seu tempo livre, joga bola, vídeo game e usa o computador, atividades preferidas, seguidas de praia, cinema, brincar com os amigos, ver televisão, ir a parques, teatros e ler. Também não conhece os programas da TVE. Suas opiniões foram bastante firmes: “*odeio Ivete Sangalo*”, “*sou do contra*” (referindo-se à turma do Bernardo, de *Malhação*). Gosta de novelas e acha o *Jimmy Neutron* muito bobo. Dançava quando era executada a música de abertura da novela e do clip.

A caracterização dos sujeitos contribui para o desenho inicial de algumas idéias, principalmente no que se refere à construção de comunidades de gosto, que parece sofrer influência direta da distribuição dos bens culturais e, como um círculo vicioso, afasta o desejo de acesso, como exemplifica Luiz, quando se nega a ver qualquer produção da TVE, mesmo tendo sido obrigado a assistir quando menor pela tia que cuidava dele, o que pode ter contribuído com a construção do sentimento de aversão demonstrado pelo menino. Tal hipótese corrobora com a idéia de que existem formas de se plantar o desejo, imersas no contexto sócio-econômico de cada família. Nestas produções circulam linguagens, códigos e imagens próprios, cuja apreensão demanda convivência, circulação e valorização no meio social. A novela, que é rejeitada em parte pelo grupo 1, aparece como um dos programas prediletos dos outros grupos. Não se pode esquecer que circula, sobre as novelas, a idéia de que ela serve como principal divertimento das classes economicamente desfavorecidas e a ação de assistir a novelas é vista com certo preconceito no meio dito *intelectual*, o que encontra eco nas percepções infantis, seja pela convivência familiar, seja por seu processo de identificação. As crianças do grupo 1 são valorizadas pelos conhecimentos que revelam aos companheiros de grupo, o que as aproxima dos discursos acadêmicos, presentes, inclusive, na convivência com a família, pois os pais das duas meninas são professores universitários. Já Daniel, do mesmo grupo, tem um gosto menos marcado por valores acadêmicos. A hipótese que levanto é a de que o acesso à televisão para ele é menos restrito. As duas meninas sofrem interdições, tanto pela proibição explícita, no caso de Cora, quanto ao não acesso à TV por assinatura, no caso da Joana.

5. FORMAS DE OLHAR: ATENÇÃO E DISPERSÃO

A atenção e a dispersão foram analisadas a partir de dois episódios: um dos mais rejeitados pelo grupo (que eles pediam para não ver) e o mais visto, quase sem interrupção.

Cora faz referência a um desses episódios: o “Curta Criança”.

- Cora* *Eu odeio filme dublado Tipo assim é totalmente diferente. Tipo assim oi (faz gesto). Achei legal assim sabe, mas para criança menor do que eu.*
- Pesq.* *Para você é meio chato. Mas a gente fica vendo né?*
- Cora* *É, quando passa, assim, é...eu fico curiosa entendeu, pra saber.*
- (Entrevista nº8. Turnos 212-215)*

Das nove crianças, quatro viram o episódio com atenção e as outras cinco não quiseram ver. Por que não, foi a pergunta feita a eles. Suas falas apontam, em primeiro lugar, representações do diferente:

- Luiz* *Ih tia, não gostei pode passar.*
- Pesq.* *Já não gostou, de cara?*
- Luiz* *Não.*
- Pesq* *Sabe o que é?*
- Luiz* *É festa de São João*
- Pesq* *É. É uma lenda, estória do carneirinho
Mas você não gostou por que?*
- Luiz* *Não gosto de nada.: fazendeiro*
- Leonardo* *Religião, fazendeiro (Tom da voz criticando)*
- Pesq* *É, por quê?*
- Luiz* *São brega.*
- (Entrevista nº5. Turnos 170-180)*

-
- Thiago* *Ninguém gostou da TVE*
- Luiz* *Eu vi todo*
- Pesq* *Ela viu, a Agnes viu.*
- Luiz* *É Muito chaTO*
- Lohana* *Aí... são chatinhos.*
- Pesq* *Por que que vocês acham chato?*
- Luiz* *Porque é vida de campo, odeio vida de campo*
- Pesq* *Por quê:?:*
- Lohana* *É porque não tem nada*
- (Entrevista nº7. Turnos 251-259)*

A vida no campo apresentada no curta é frontalmente oposta à vida na cidade: há tempo, as falas são compridas, calmas, há poucas mudanças de cenário. Para Lohana, não há nada. É, para quem vive um outro espaço/tempo, a ausência de acontecimento. Percorrendo as falas de Lohana, encontro uma referência a suas experiências prévias, uma forma de re-conhecer este espaço de ausência, conferindo-lhe proximidade: “*Eu já tive uma festa de São João quando tinha sete... nove anos.*”

É na situação de dispersão que o sujeito se abriga no que conhece, há uma “introspecção” e rememorações, que se suspeita na seguinte seqüência discursiva:

<i>Pesq</i>	<i>Mas por que você nem tentou?</i>
<i>Luiz</i>	<i>Ah, é porque aquele programa é muito chato.</i>
<i>Pesq</i>	<i>É e aí você não gostava, não adianta.</i>
<i>Agnes</i>	<i>Você já viu pra saber?</i>
<i>Luiz</i>	<i>Já.</i>
<i>Agnes</i>	<i>Isso é PRÉconceito, não é conceito não, é pré-conceito.</i>
<i>Luiz</i>	<i>Já, já eu já vi. Quando a minha tia morava comigo ela sempre tomava conta de mim e me botava naquele canal horrível</i>
<i>Pesq</i>	<i>(Ri) E aí você não gostava, não adianta..</i>

.(Entrevista nº5. Turnos 341-349)

Agnes traz o discurso social, “é preciso ver para saber como é”, “não se pode dizer que não gosta sem experimentar”, mas o pré-conceito que a menina percebe é uma construção histórica, vivenciada por Luiz, que o impede de tentar ver, de querer ver. O primeiro impacto da programação da emissora o remete às experiências desagradáveis, que não querem ser lembradas.

As crianças que não quiseram ver o programa foram Daniel, Leonardo, Luiz Roberto, Lohana e Caio. Destas, apenas o primeiro tem acesso aos bens culturais e a eles faz referência em sala de aula. Este dado parece indicar, em especial em relação aos que fazem parte do terceiro grupo, que a provocação operada pelo acesso à diversidade de produtos culturais pode aguçar a curiosidade, mola mestra da atenção segundo a pista que nos fornece Cora, no episódio discursivo que abre esta discussão: “*É, eu fico curiosa*”. Neste sentido, a desigualdade da distribuição favoreceria, no contexto em que convive este grupo, uma dupla exclusão: de desenvolvimento de ações e do conhecimento de mundo compartilhado pelas crianças da escola. A instituição é conhecida pela excelência de ensino e atende a um conjunto heterogêneo composto por

alunos de diferentes grupos econômicos, com concentração da chamada classe média, que tem, entre seus objetos de consumo, os bens culturais.

Freire (2000) conjuga curiosidade e crítica como garantias do processo de saber autônomo necessário para lidar com os produtos televisivos. Também Daniel e Gabriel atentam para a curiosidade como motivo para ver com atenção o que é posto diante de seus olhos.

A afirmação feita aqui, de que os momentos de dispersão levam à reiteração do *eu*, ao repetível (ORLANDI, 1996), pode ser ratificada pela análise do inverso, de um momento de atenção. Os episódios escolhidos são das sessões de *América*, que todos reconheceram. Sete dos nove entrevistados viram toda a cena, e ao ouvirem os primeiros acordes da música de abertura (uma canção famosa, em um arranjo mais “apimentado”, *Soy loco por ti América*) alguns já esboçavam alguma reação, menos contida, como “risos no canto da boca”, ou dançando ao som da música. Aqui também o inverso ratifica: das três crianças do primeiro grupo (Joana, Daniel e Cora) duas pediram para não assistir a todo o trecho, mas foram, de certa forma, convencidas a vê-lo, Joana por solicitação da pesquisadora, para que Agnes pudesse fazer uma pergunta e Daniel porque a conversa sobre o gostar ou não da novela acabou fazendo com que ele ficasse atento ao trecho. Mas foram unânimes em afirmar que não gostavam do gênero. Cora disse que achava “fútil” e achava “chato, porque tem que ficar olhando”, Daniel não gosta “muito” e Joana acha muito “dramático”.

Neste trecho, a técnica tem efeitos sobre a atenção, com a música que chama (da abertura), para depois criar suspense e, no fim, celebrar a amizade, com um tom mais alto; a beleza das atrizes; o contraste entre tons mais claros, da casa, e os tons mais escuros, do quarto; a trama que as envolve. O olhar voltado ao objeto, com o propósito de análise dado pela situação da entrevista, favorece comentários espontâneos, dirigidos a aspectos formais, preponderante no primeiro grupo, e ao conteúdo, encontrado nos grupos 2 e 3. Assim, há o deslocamento para o *Outro*, em um exercício exotópico (BAKHTIN, 2000). A atenção exige que se compreenda como o outro se constitui, sua forma, sua história, mas só é atizada pela curiosidade, como em todo o processo de conhecer. Do segundo grupo, Gabriel também, como em relação aos outros programas, faz um comentário técnico: “a novela é bem feita”.

A análise da técnica, preferida pelo primeiro grupo, distancia do objeto, impõe um espaço entre eles e o produto rejeitado. Como já analisado, a rejeição parece marcada pelos índices de classe, que atravessam a construção do gosto, mas não

impedem de conhecer. Cora, mesmo afirmando ter visto apenas uma vez a novela, foi a que melhor recuperou a trama que envolvia as duas personagens, contando detalhes: a separação dos pais de Raíssa, o casamento de Lurdinha com o pai da amiga, a revolta de Raíssa, o casamento em um baile funk, a descoberta do caráter do noivo. Joana faz uma síntese: “*era porque a melhor amiga namorou o pai dela*”. Também se destaca na fala das duas meninas a sofisticação no uso das palavras “fútil”, por Cora, e “dramática”, por Joana. A linguagem, em sua dimensão constituinte, abre canais de reconhecimento dos índices de classe que estão presentes nas construções infantis.

Os discursos sociais aos quais os alunos se filiam permeiam suas falas. A novela se refere ao cotidiano, estabelece uma relação de verossimilhança reconhecida como tal pelos espectadores, mas que provoca a emergência dos enunciados que compõem a ideologia do cotidiano. Agnes, que passou grande parte da entrevista sem esboçar reação, afirmou, ao final da cena: “*É muita autoridade para uma empregada*”. Estranhou a atitude das personagens, de brigarem e depois fazerem as pazes e considerou justo o conceito que ela expressa sobre a doméstica, perguntando à Joana se ela não achava o mesmo. Porém, a menina achou normal a atitude. São diferentes processos de construção de valores, que dialogam no cotidiano da escola e representam fontes de reflexão, em oposição ao comportamento reflexo (SODRÉ, 2006).

Lohana e Luiz foram os telespectadores mais entusiasmados em relação ao trecho. Afirmaram ver sempre a novela e explicitaram suas preferências, quando interrogados pela pesquisadora:

Luiz	<i>Quando aparecia Feitosa com a Gislene sambando, quer dizer, com a Dalva.</i>
Platéia	<i>(Ri)</i>
Leonardo	<i>Com a Dalva não, com a Creuza, cara,</i>
Luiz	<i>Com a Dalva.</i>
<i>(Entrevista nº5. Turnos 72-76)</i>	
.....	
Lohana	<i>Ah essa daí eu não podia perder essa novela</i>
Pesq	<i>É?</i>
Lohana	<i>É</i>
Pesq	<i>Do que você gostava mais dela?</i>
Luiz	<i>Do Tião e da Sol. (Falando pra Lohana)</i>
Lohana	<i>Ah, Tião e da Sol. (Olha para Luiz Roberto)</i>
Pesq	<i>Que é que...</i>
Lohana	<i>A Creuza ... A Creuza é engraçada.</i>
<i>(Entrevista nº7. Turnos 82-91)</i>	

Os gostos circulam pelas tramas e pelas personagens, eleitos em função dos desejos e preferências de cada um, com os quais eles gostariam de interagir, interferindo nos desfechos, como a contrariedade expressa por Leonardo pelo casal de protagonista não ter tido o final por ele esperado. Já o alto nível de dispersão leva ao desconhecimento, observado na atitude de Caio que assistiu ao trecho mais atento ao que se passava em sua volta do que à novela. Não conseguiu expressar sua compreensão da cena, mesmo quando solicitado a fazê-lo.

Por último, revelou-se importante a relação entre o acesso aos bens culturais e a disponibilidade para o novo, relativizada pelas histórias e aspirações individuais, compondo o processo de construção identitária. Uma marca desse processo aparece na reação de Luiz ao responder se gosta ou não da cantora Wanessa Camargo. Quando faço a pergunta seus olhos voltam-se para a platéia e ele não responde, apenas sorri. Fica a dúvida: ele poderia dizer sem construir mais uma marca de diferença?

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Sobre ciência e sapiência. *Folha on line*. São Paulo, 28 set. 2004. Sinapse Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u916.shtml>. Acesso em jan.2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBERO, Jésus-Martin. *Ofício de Cartógrafo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- BARTHES, Roland . *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p 29-56. (Coleção Os pensadores).
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. SP: Edusp, 1997 .
- _____. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- DUARTE, Rosália. *Crianças espectadoras de televisão: expertise e encantamento*. 13º. ENDIPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Anais
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica: 2003.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação*. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

_____. *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da subjetividade. *Caderno Cedes*. UNICAMP/CEDES. no. 50, p 9-25, abr. 2000. Relações de Ensino: análises na perspectiva histórico-cultural.

MERLO-FLORES, Tatiana. *Por que assistimos à violência na televisão?* Pesquisa de campo argentina. In CARLSSON, Ulla e FEILITZEN, Cecilia von (orgs). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002. p. 187-216.

ORLANDI, Eni P. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. In Revista Rua, Campinas, UNICAMP, março de 1995, nº 1, 35-48.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento. As Formas do Discurso*. Campinas, Pontes Editora, 1996.

PEREIRA, R. M. RIBES. *Nossos Comerciais, por favor! - A criança e a publicidade na televisão*. 4a. Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes. Rio de Janeiro. 4a. Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes - programa e resumos. 2004. p. 23.

_____; SOUZA, Solange Jobim e SALGADO, R. G *Pesquisando infância e televisão: algumas considerações teórico-metodológicas*. In: 25a. Reunião Anual da Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Caxambu. Grupo de Trabalho Educação e Comunicação, 2002. v. 1.

PINTO, Manuel. *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto(Portugal): Edições Afrontamento, 2000.(Coleção Biblioteca das Ciências do Homem).

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SODRÉ, Muniz . *As estratégias sensíveis*. Afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.